

ZILDA ARAÚJO PEDREIRA E SUAS ATIVIDADES ESCOLARES NO GINÁSIO MAIRI (1967 – 1970)

Joubert Lima Ferreira
Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências
UFBA/UEFS
jouferr@yahoo.com.br

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar as atividades escolares desenvolvidas pela professora Zilda Pedreira no Ginásio Mairi (GM), entre os anos de 1967 e 1970. O recorte temporal justifica-se pelo início do funcionamento do Ginásio Mairi até a saída de Zilda Pedreira, em 1970. A escolha do GM, enquanto campo de pesquisa, está atrelada ao fato desta instituição ter sido a única a oferecer o primeiro e o segundo graus completos até meados dos anos de 1980. Para a construção deste trabalho, foram usadas as diversas fontes: livros de atas, manuais didáticos, fotografias, entrevistas e livros de memórias. A análise dessas fontes permitiu que construíssemos um pouco da trajetória das atividades escolares desenvolvidas pela professora Zilda Pedreira, no GM. Assim, o tornar-se/fazer-se professora de matemática aconteceu a partir das vivências que foram sedimentadas, constituídas e produzidas pelo contexto escolar, social e cultural do período em estudo.

Palavras-chave: Ensino de matemática; Zilda Pedreira, Ginásio Mairi;

1. Introdução

O presente trabalho está articulado às atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em História – Matemática – Educação (GHAME) da Universidade Federal da Bahia, o qual tem se debruçado a estudar a história do ensino de matemática na educação básica, entre os anos de 1940 a 1980. Nessa perspectiva, várias pesquisas estudam espaços escolares diversos dentro do estado da Bahia. Assim, a cidade de Mairi, que dista 288 km da capital do estado, Salvador, foi escolhida para esta pesquisa por dois motivos, o primeiro que sou mairiense e o segundo, por estudar o ensino de matemática numa cidade pequena do sertão, já que a maioria das pesquisas do grupo centram-se em grandes cidades ou cidades próximas à capital.

Nesse sentido, o presente texto como objetivo analisar as atividades escolares desenvolvidas pela professora Zilda Pedreira no Ginásio Mairi, entre os anos de 1967 e 1970 e identificar as relações destas para com o movimento de reforma curricular do ensino de matemática do período em estudo. Para tanto, entendo atividade, segundo Ferreira (1988, p. 70), como “estado de ativo, ação; ou qualquer ação ou trabalho específico”. Assim, atividades escolares, aqui, passam a ser entendidas como o conjunto de atribuições/ações realizadas por uma pessoa dentro do espaço escolar. Nesse sentido, as atividades escolares desempenhadas pela professora Zilda Pedreira, compreenderam o ensino – as práticas pedagógicas –, membro da banca do Exame de Admissão – elaborando, avaliando e selecionando os alunos – e membro integrante da Associação Montealegrense – mantenedora do Setor Local da Campanha Nacional de Educandário Gratuito (CNEG).

O recorte temporal justifica-se pelo início do funcionamento do Ginásio Mairi até a saída de Zilda Pedreira, em 1970, quando a mesma mudou-se para a sua cidade natal, Macajuba – Bahia, cuja finalidade era cuidar de sua mãe, que encontrava-se adoentada. Para a construção deste trabalho, foram usadas as diversas fontes: livros de atas, manuais didáticos, fotografias, entrevistas e livros de memórias. A análise dessas fontes permitiu que construíssemos um pouco da trajetória das atividades escolares desenvolvidas pela professora Zilda Pedreira, nesse primeiro momento de funcionamento do Ginásio Mairi, uma vez que a escola vivenciou três momentos distintos: o primeiro, que antecedeu a Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, este momento serviu como alicerce para que o Ginásio Mairi desenvolvesse as suas atividades por mais de 45 anos; o segundo, com os avanços ocorridos na década de 1970, como a expansão do ensino; e, o terceiro, com o repensar das atividades desenvolvidas pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), em meados dos anos de 1980, surgiram novas diretrizes e filosofia para a escola.

A escolha do Ginásio Mairi está atrelada ao fato desta instituição ter sido a única a oferecer o primeiro e o segundo graus completos até meados dos anos de 1980. Este trabalho, está constituído de três partes, a primeira trata da história do Ginásio Mairi, em seguida abordo um pouco da história de vida da professora Zilda e por último, apresento um pouco das atividades desenvolvidas por ela durante os anos de 1967 a 1970.

2. O Ginásio Mairi...

Em 08 de outubro de 1966 foi instalado e estruturado o Setor Local da Campanha Nacional do Ginásio Pobre (GNEG), recebendo o nome de Ginásio Mairi. No ato de instalação, fizeram-se presentes, a administradora da rede CNEG – BA, Maria de Lourdes Soares, o desembargador Claudionor Ramos e a secretária do Conselho Estadual de Educação, Professora Zelinda Ramos. Porém, só em 18 de março de 1967, no prédio do Grupo Escolar Getúlio Vargas, cedido pelo Estado, instala-se o Ginásio Mairi, com funcionamento provisório à noite. Inicialmente esse Ginásio contou com 103 alunos divididos em quatro turmas, sendo três destas do extinto Ginásio de Monte Alegre¹.

No primeiro ano de funcionamento, em 1967, o ginásio teve como diretor o Padre João Farias Júnior, como secretária a professora Edna Simões Costa. Suas primeiras professoras – todas normalistas, formadas pelas escolas normais das cidades de Salvador, Feira de Santana e Jacobina –, foram Celuta de Oliveira Cunha, Maria de Lourdes Rios Sena, Marinalva Santos Souza, Maria Perpetua Dórea da Costa, Arlete Cerqueira Lopes, Iracy d’Araújo Leal, Margarida Augusto de Oliveira, Elielza de Oliveira Cunha, Maria da Conceição de Oliveira Cunha, Zilda Araújo Pedreira – esta professora de Matemática – Luiza Simões Costa, Odete Oliveira Cerqueira e Maria Luiza Moreira Menezes. (FERREIRA, 2012; FERREIRA e LIMA, 2011)

Nesse primeiro ano de funcionamento, chama-nos a atenção à presença feminina, no espaço do Ginásio Mairi. Por que apenas as mulheres davam aulas? Por que os homens não estavam presentes nesse espaço? Mais uma vez suponhamos que talvez isso estivesse ligado ao fato de que todas eram normalistas, habilitadas para o magistério, uma profissão vista como essencialmente feminina. Especificamente no caso de Mairi, outra hipótese poderia ser o fato de que no ano de fundação desse Ginásio, os professores recebiam baixos salários, o que poderia ter afastado os homens de tal função. Ou talvez ainda, não houvesse homens formados e que quisessem lecionar.

Até o ano de 1967, o município, na sede, dispunha apenas de três escolas e estas ofereciam somente o curso primário. A criação do Ginásio Mairi potencializaria o desenvolvimento sociocultural da cidade. “Poucas famílias em Mairi, podem dizer que não passaram pela CNEC. Por ela desfilaram, nesses 25 anos, 3.500 alunos. Já concedemos certificado de conclusão de curso a 180 Técnicos em Contabilidade e a mais de 500 Professores” (PEDREIRA, 1994, p. 127). Com a formação de profissionais, possibilitou

¹ Fundado em 1956, por iniciativa do médico José Vieira da Silva, a primeira escola secundária do Município, o Ginásio de Monte Alegre, tornando-se de fundamental importância para o desenvolvimento sociocultural, econômico e político do município de Monte Alegre.

que o município, não só de Mairi, como das cidades vizinhas, a absorção desses profissionais. Além de muitos outros que seguiram para as cidades de Feira de Santana e Salvador para continuarem estudando.

Durante os primeiros anos de funcionamento do Ginásio Mairi, o Setor Local se mobilizava para a construção de sua sede. Com o projeto do arquiteto Carlos Freire, deu início ao processo de construção do primeiro bloco com quatro salas de aulas, o bloco da administração com mais duas salas de aulas e a biblioteca, a praça de esportes e a arborização do parque, mais o laboratório de ciências, foram construídos mais tarde. Para tal, a mobilização da comunidade foi essencial. Recebendo doações, realizando bingos, rifas, tudo em prol da arrecadação de fundos para a construção. A mão de obra, muitas vezes era também realizada de graça. Segundo a professora Elielza C. Ribeiro, os professores também colaboravam, de modo que, determinado valor do seu salário era descontado e destinado para a construção do prédio.



Figura 1 - Construção do prédio escolar - bloco 01 - Acervo CNEC - Mairi

Enquanto o novo prédio era construído, as aulas funcionavam no Grupo Escolar Getúlio Vargas. Nesse período a energia elétrica ainda não havia chegado ao município, funcionando a base do gerador, que ficava ligado até às 22 horas. As aulas concentravam-se no turno noturno, uma vez que no diurno a escola ofertava o ensino primário, oferecendo apenas uma turma de cada série do ensino secundário. Houve sempre a preocupação com horário do término das aulas, pois quando o gerador fosse desligado, a

cidade apagava-se. Assim, havia uma preocupação acerca do horário do término das aulas, pois as meninas, muitas ainda crianças, por volta de seus 12, 13, ... anos... teria que chegar em casa sem que nada acontecesse, uma vez que as famílias mairienses, do período, eram muito conservadoras.

Nesse contexto social, a o ginásio tocava as suas atividades. Um fato ocorrido, e que pude constatar, através de um ofício de nº 09/1969, datado do dia vinte e oito de maio, destinado ao Diretor do Departamento de Educação Média da Secção de Supervisão e Orientação dos Estabelecimentos de Ensino Secundários, em Salvador. Nele, a então Diretora, professora Maria da Conceição de Oliveira Cunha, relata que, através de reunião com o corpo docente, realizada no dia anterior, resolve suspender as aulas até a apuração, através de inquérito escolar, de atos indisciplinados e de sabotagem que ocorreram sequenciadamente, por parte de um aluno. Esclareceu também que o corpo docente demonstrava preocupação em relação à integridade física suas, dos alunos e demais funcionários, uma vez que os atos de sabotagem consistiam na provocação de circuitos elétricos. Cabe destacar que o nome do aluno não foi mencionado no ofício e nem encontrei registros em outros arquivos sobre o assunto. Esse episódio mostra que os primeiros anos de funcionamento do Ginásio Mairi não foram tão prazerosos.



Figura 2 - Inauguração do colégio (11/1969) - Acervo CNEC - MAIRI

A inauguração do primeiro bloco, com 600 m², ocorreu em 09 de novembro de 1969 e contou com a presença do Sr. Luiz Rogério, uma dos dirigentes da Campanha na Bahia. Boa parte da sociedade mairiense fazia-se presente, e autoridades como o Carlos de Oliveira Nunes – prefeito –, Nilton Marque – deputado –, entre outros. Entretanto, esse primeiro bloco não era suficiente para atender a todas as turmas do Ginásio Mairi. Assim, no ano de 1970, parte das turmas funcionavam na própria sede, apenas a turma da 4ª série funcionava na Escola Estadual Walter Cerqueira, vizinha do Ginásio Mairi. Sobre isto, encontra-se registrado no Livro de Visitas uma preocupação da Supervisora de Ensino, a Sra. Cândida Maria G. B da Silva, sobre a situação que o ginásio vivia por conta da quantidade de salas de aulas existentes não supriam a quantidade de turmas oferecidas. Ainda registrou que o fato da turma estudar num outro espaço dificultava a fiscalização e solicitava que a diretoria do ginásio intercedesse junto a prefeitura, ao setor local e estadual da CNEC a fim de terminar, o mais rápido possível, a construção das outras salas de aulas.

3. A professora Zilda Pedreira...

Zilda Araujo Pedreira, nascida em 28 de maio de 1930, mudou-se para a cidade de Feira de Santana, na segunda metade dos anos de 1940, onde ingressou na Escola Normal, formando-se entre o final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950. Após formar e cumprir um dos principais papéis da Escola Normal de Feira de Santana que era, também, a “formação de professoras sertanejas” (SOUZA, 2001, p. 134), cujo papel era adentrar os sertões ensinando a ler e escrever, combatendo assim o analfabetismo. Esse foi o caminho seguido por Zilda, quando chegou em Mairi, lecionou no Grupo de Escolas Reunidas Getúlio Vargas, escola primária. Em 1956, por iniciativa do médico Dr. José Vieira da Silva, é fundada a primeira escola secundária do município, que ofereceria o curso ginásial, sendo esta uma instituição privada. Então, a professora Zilda foi convidada a lecionar a disciplina Matemática, a qual tinha muita afinidade e sempre gostou, desde a época da escola normal.

Assim, com a experiência acumulada aos longos anos de profissão, ensinando matemática, ficou conhecida como professora de matemática e foi suficiente para ser convidada a ensinar no Ginásio Mairi em 1967. Por conta das transformações políticas, econômicas e culturais que o país vivia nesse período, exigia-se que os professores para lecionar no ensino secundário tivesse formação específica, ou seja, deveriam ser

habilitados. Como o país não dispunha de Faculdades e/ou Universidades que pudesse atender a demanda nacional, criou-se a então Campanha de Difusão do Ensino Secundário (CADES), a qual habilitava em curto prazo os professores que não tinham curso de nível superior (BARALDI, 2003). Nesse sentido, em 1969, na capital do estado, a professora Zilda dá início aos estudos de aperfeiçoamento na disciplina de matemática e garante a autorização para ministrar aulas no ensino secundário.

4. As aulas de Matemática...

De camisa branca e calça azul marinho vestiam-se os adolescentes e homens; de camisa branca e saia de pregas azul marinho, vestiam-se as adolescentes e mulheres. Assim, iniciavam-se as atividades escolares do GM. Estudar o curso ginásial, naquela época era tornar-se reconhecido e prestigiado pela sociedade mairiense, principalmente depois da aprovação no Exame de Admissão.

As aulas de matemática ministradas pela professora Zilda Pedreira sempre foram famosas, seja pela sua maneira de trabalhar ou pelo seu humor. Assim, usando o seu caderno, escrevia o apontamento no quadro e exigia que todos os alunos o copiasse, ali estava todo o conteúdo matemático organizado de modo ao aluno desenvolver as competências básicas da matemática. Porém, havia um distanciamento entre o professor e aluno. Conforme Odília Santana, que foi sua aluna durante a 1ª e 2ª séries do curso ginásial, “[...] as aulas de matemática eram assim: repetia o que a gente aprendeu lá no primário. A lousa, o giz, a esponja, o professor explicando e a gente daqui, observando, o tempo todo. Não tinha como você atrair através de materiais, através de brincadeiras. Não tinha nada disso.” (2012, p. 2)

Na fala da ex-aluna fica claro que o desenvolvimento das atividades docentes da professora Zilda, no âmbito das práticas pedagógicas em sala de aula, o professor assume uma postura de detentor do conhecimento e o aluno é sujeito passivo, que apenas recebe as informações depositadas pelo professor. O uso de recursos didáticos para chamar a atenção e facilitar a aprendizagem de conteúdos matemáticos não existiam, as aulas obedeciam a normas e manuais de como ser professor, provavelmente, aqueles provenientes de sua formação enquanto normalista, ou seja, para o exercício da docência no curso primário.

Segundo Odília Santana, os primeiros momentos no curso ginásial foram surpreendentes em alguns aspectos, ela destaca um pouco as aulas de matemática

[...] Começou com Zilda, e terminou com professor Luiz. Zilda: ela como professora era fantástica! Ela sabia mesmo matemática, tinha uma cobrança dela muito grande com a gente, tinha que aprender aquilo que ela tava ensinando, por que você teria que dar uma resposta na prova que ela ia fazer. E você tinha que colocar aquele resultado que ela queria. Então sempre existia entre colegas aquela preocupação, quem sabe mais ajudar quem sabe menos e tirar as dúvidas, um tirar dúvidas do outro. Ela tinha uma brincadeira que ela dizia assim pra gente: “Moleque, moleque! Aprende. Moleque, moleque! Aprende, que no fim do ano eu vou cobrar”. Aquela história daquela cobrança de final de ano quem não passar vai ter que fazer recuperação. Na minha época era assim, a recuperação era no mês de fevereiro. Passava dezembro, janeiro estudando pra dar o resultado em fevereiro. Era 2ª época, como chamavam, provas de segunda época. O curso de ginásio todinho foi assim. [grifos meus] (2012, p. 2)

O testemunho apresentado anteriormente nos permite identificar uma série de ações que constituíam a prática pedagógica da professora Zilda. Dentre as expressões grifadas no depoimento acima, começo com o seguinte questionamento: o que é saber matemática? De onde fala a ex-aluna quando atribui a professora que ela sabia matemática? Ao longo das entrevistas realizadas e de outros materiais lidos – como livros de memórias e manuais didáticos do período, atas de exames e cadernetas –, pude perceber que a atribuição do *saber matemática* está ligada a dois fatores: o primeiro, a postura como professora – distante do aluno e com tom de superioridade, ou seja, o professor é um sujeito ativo e aluno um sujeito passivo (MISUKAMI, 1986) –; o segundo, o conhecimento matemático – a maneira como abordava o conteúdo, ligando esse fato à quantidade de conteúdos e ao número de reprovações na disciplina.

Outra percepção é que a atribuição da expressão *saber matemática* está associada ao ato de comparar. Nas entrevistas realizadas com ex-alunos e ex-alunas, a comparação entre os professores de matemática era constantemente usada para caracterizar cada professor, assim atribuíam maior ou menor valor ao conhecimento ou domínio deste. Ou seja, essa atribuição está ligada a prática pedagógica de cada um deles. Por exemplo, o fato de a professora ser rígida e cobrar do aluno, exigir uma resposta tal qual ela havia ensinado com todo o rigor e detalhes, provocou uma análise comparativa que levou os alunos a atribuírem que a professora, de fato, sabia mesmo matemática.

Ainda da análise do depoimento acima, podemos destacar outra questão interessante que é a cooperação existente entre os alunos. O que sabe mais ajudar o que sabe menos. Porém, esta era uma cooperação imposta pela professora ou era uma prática que ocorria de maneira livre entre os alunos do GM? Assim, o fazer em sala de aula estava

ligado à relação estabelecida entre alunos e professor, o espírito cooperativo nasceu da necessidade que os alunos tiveram em obter notas mais altas. Para que isto acontecesse, era necessário que soubessem/dominassem os conteúdos ensinados pela professora, assim um pode ajudar o outro na intenção que fossem aprovados nos exames, livrando-os de fazerem as provas de segunda época, correndo sério risco de repetirem o ano letivo.

Com uma característica de ser muito brincalhona e ao mesmo tempo séria, Zilda seguia ministrando suas aulas. Nesse período, o uso de livros didáticos pelos alunos do GM não existia. A professora Zilda costumava escrever o conteúdo no quadro e exigir que os alunos copiassem no caderno os apontamentos e exercícios propostos. Nesses primeiros anos de funcionamento do GM, as aulas de matemática da professora Zilda eram baseadas em livros como Matemática, do autor Carlos Galante, publicado pela Editora do Brasil S.A. em 1964 e com mais de 23 edições, em quatro volumes voltados para cada série do curso ginásial. Outro livro, que provavelmente foi usado pela professora Zilda era o livro do autor Osvaldo Sangiorgi.

Conforme o testemunho da ex-aluna, Odília Santana

[...] Ela usava livro às vezes. Agora, a gente copiava muito, tinha muito apontamento. A gente ia copiando e ia selecionando, ela ia dizendo “isso vai cair mais por que quando você for pra tal série vai depender mais dele”, então, trabalhava assim. Livro de matemática...? Não lembro assim. Lembro o de português, e era o de matemática também, Osvaldo Sargentim. [...]. (2012, p. 2)

O depoimento acima apresenta o nome do Osvaldo Sargentim. Porém, ao analisar o contexto, existem duas possibilidades: a primeira, é que o livro citado pode ser de Osvaldo Sangiorgi, livro difundido pelo movimento da matemática moderna; e a segunda, é que talvez ela esteja falando de Hermínio Sargentim, autor de vários livros da área de Língua Portuguesa, entretanto, este autor só começa a publicar na década de 1980. Assim, aumenta-se a evidência que, de fato, o livro usado pela professora era do autor Osvaldo Sangiorgi. Outro fato que reforça a hipótese anterior é a grande quantidade de livros de Sangiorgi encontrados no acervo da biblioteca do GM.

Dentre os dois livros, possivelmente usados pela professora Zilda, a abordagem dada aos conteúdos se diferenciavam. O livro do autor Carlos Galante, segue a estrutura apresentada pela Portaria nº 1.045 de 14 de dezembro de 1951, que estabelecia um currículo mínimo. Abaixo, podemos verificar a organização e distribuição curricular para cada série do curso ginásial.

QUADRO 1 – Currículo mínimo – Portaria nº 1.045/51

1ª SÉRIE	2ª SÉRIE
<ul style="list-style-type: none">• Números inteiros, operações fundamentais, números relativos.• Divisibilidade aritmética; números primos.• Números fracionários.• Sistema legal de unidades de medir; unidades e medidas usuais.	<ul style="list-style-type: none">• Potências e raízes; expressões irracionais.• Cálculo literal; polinômios.• Binômio linear; equações e inequações do 1º grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.
3ª SÉRIE	4ª SÉRIE
<ul style="list-style-type: none">• Razões e proporções; aplicações aritméticas.• Figuras geométricas planas; reta e círculo.• Linhas proporcionais; semelhanças de polígonos.• Relações trigonométricas no triângulo retângulo.• Tábuas naturais.	<ul style="list-style-type: none">• Trinômio do 2º grau; equações e inequações do 2º grau.• Relações métricas nos polígonos e no círculo; cálculo de π.• Áreas de figuras planas.

FONTE: Portaria nº 1.045/51

Diferentemente do livro do autor Carlos Galante, os livros do autor Osvaldo Sangiorgi, publicados a partir dos anos de 1960, começa a inserir uma abordagem moderna para o ensino de matemática. Esta abordagem moderna para o ensino de matemática tem origem no I Congresso Nacional de Ensino da Matemática no Curso Secundário, realizado em Salvador, Bahia, entre os dias 4 a 7 de setembro de 1955. Por mais, que neste congresso, os temas da modernização do ensino, tenham sido discutidos timidamente, ainda assim, foi o ponto inicial para inserir uma reforma nos programas curriculares de matemática no Brasil.

Assim, os demais congressos ocorridos nos anos subsequentes e os convênios com órgãos e instituições internacionais – como a *United States Agency for International Development* (USAID) – possibilitaram que essa reforma chegasse às escolas brasileiras. Este programa de reforma buscava inserir e reestruturar a matemática possibilitando que a mesma potencializasse o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. No que tange ao ensino de matemática, este foi organizado numa perspectiva da teoria dos conjuntos.

Nesse sentido, os livros do Osvaldo Sangiorgi publicados nesse período traziam basicamente a mesma estrutura organizacional, conforme pode ser verificado no quadro abaixo como os conteúdos foram distribuídos por série:

QUADRO 2 – Programa encontrado nos livros do Osvaldo Sangiorgi

1ª SÉRIE	2ª SÉRIE
<ul style="list-style-type: none">• Conjuntos, números naturais, sistemas de numeração;• Operações no conjunto dos números naturais (N), Números Primos. MMC, MDC;• Conjunto dos números racionais (Q)• Medidas. Sistemas usuais	<ul style="list-style-type: none">• Conceito de número racional absoluto; Razões; Proporções; Porcentagem.• Números proporcionais; Regras de três (simples e composta); Juros simples.• Números inteiros relativos; Conceito de número racional relativo.• Moderno tratamento da Álgebra; Sentenças e Expressões;• Sentenças abertas; Variáveis; Conjunto Universo (U); Conjunto-Verdade (V);
3ª SÉRIE	4ª SÉRIE
<ul style="list-style-type: none">• Números reais; estrutura de corpo.• Cálculo algébrico; estudo dos polinômios.• Estudo das figuras geométricas.• Estudo dos polígonos e da circunferência – Transformações geométricas planas	<ul style="list-style-type: none">• Números reais: práticas com números irracionais.• Funções.• Semelhança – Números complexos; Área de regiões planas; práticas usuais; Mapas topológicos.

FONTE: SANGIORGI, Osvaldo. *Matemática Curso Ginásial*. 1ª Série. 4 vol. 78ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

Ao analisarmos os quadros acima percebemos uma diferença na forma como os conteúdos foram organizados e distribuídos em cada série, assim como a inserção de novos conteúdos. Assim, a partir do curso da CADES, realizado em 1968, e com uso de livros voltados para o ginásial moderno, a professora Zilda começa a inserir a teoria de conjuntos em suas aulas. Isso fica evidente quando a ex-aluna Odília Santana, afirma ter estudado os conteúdos

[...] fração, é um dos, regra de três, porcentagem, isso aí eu me lembro bem que caía. Álgebra, são assuntos que tinham realmente. Muitos problemas, pra você utilizar fração, utilizar álgebra, regra de 3, porcentagem, raiz quadrada. Conjunto, que era o 1º conteúdo que a gente ia dar. Depois é o que viria dos outros. Os outros conteúdos estavam dentro do conjunto, ela fazia essa abordagem. [...] (SANTANA, 2012, p. 2)

Mais uma vez o testemunho da ex-aluna coaduna com as ideias apresentadas anteriormente. Porém, precisamos saber qual era a abordagem realizada pela professora, com os conteúdos, em sala de aula. Era muito comum, nas aulas da professora, o uso de situações problemas, principalmente com números fracionários, conforme foi mencionado no trecho acima. As questões propostas, nos exercícios e nas provas, pela professora Zilda

sempre obedeciam a “[...] um padrão de avaliação, todas as provas sabia que eram três questões. Essas três questões com desdobramentos. [...]” (RIBEIRO, 2012, p, 2).

Então, o que viria a ser “desdobramentos”? O livro Sumário de Didática Geral, de Luiz Alves de Mattos, publicado em 1971, no capítulo que trata da verificação e avaliação do rendimento, mais especificamente na sessão sobre a prova escrita, traz algumas normas que devem ser levadas em conta no momento de organização da prova, entre eles destaco: “gradue a extensão das questões de modo a serem respondidas satisfatoriamente pelos alunos dentro do tempo marcado para a duração da prova” (MATTOS, 1971, p. 461). O número reduzido de questões propostas nas provas da professora Zilda perpassa pelas normas propostas pela época, como exemplo o livro de Didática citado anteriormente. As poucas questões estavam ligadas ao desenvolvimento do raciocínio que os alunos teriam que desenvolver ao responder a prova.

Nesse sentido, era necessário que aluno identificasse as mais de uma operações que usariam para responder a questão, assim como transformar números fracionários (racionais) em inteiros, essenciais para a resolução da questão. Por isso, no depoimento de Odília Santana ela diz que teria que usar fração. A teoria de conjuntos era usada numa abordagem estruturalista, conforme evidenciou a ex-aluna, dizendo que “os outros conteúdos estavam dentro do conjunto, ela fazia essa abordagem”.

Ainda sobre a realização das provas “[...] quando o número de questões é limitado a 3 ou 4, estas podem ser ditadas pausadamente pelo professor, mandando-se também um aluno escrevê-las no quadro-negro com letra bem legível. [...]” (MATTOS, 1971, p. 462). Assim, aconteciam as provas do GM, às vezes eram ditadas, outras eram copiadas pelo professor ou aluno no quadro negro. O manual de didática ainda apresenta outras normas, entre elas destaco: o silêncio, indispensável para a concentração mental exigida pela prova; a vigilância do professor, deste modo o aluno seria impedido de “colar” ou fraudar; controle do tempo, sem a permissão de extrapolar o tempo destinado à realização do exame; o barema para correção, destinado como padrão das respostas a serem observadas no ato da correção pelo professor.

Parece que a professora Zilda fez uso deste manual de didática, se não o fez, a sua formação como normalista, formação técnica destinada a ensinar, possibilitou que a mesma compreendesse qual o papel do professor e do aluno na escola. Assim, o domínio de técnicas para a execução das atividades docentes, evidencia-se no testemunho abaixo, quando a ex-aluna fala sobre as provas e correções

[...] Zilda fazia minuciosamente, mais com menos, menos com mais. A arrumação, tudo que você determinou ali. [...] Você tinha que fazer e provar ali o que você fez. Ela dizia “resolva de lápis, e me dê à resposta de caneta”. Era feito assim, ela exigia mesmo. Queria o papelzinho ali ou então o detalhe já feito todo na prova, era feito assim, ela tinha essa preocupação. Eu poderia até dar uma resposta, e de onde eu achei essa resposta? E ela queria. (SANTANA, 2012, p. 5)

Com toda a sua rigidez, ela mantinha boas relações com os alunos, apesar de deixar evidente que aluno é aluno e professor é professor. Assim, “[...] aluno que gostava de estudar ela amava. Agora aquele que não gostava ela já castigava um pouquinho. Mas ela tinha um relacionamento muito bom com os alunos.” (SANTANA, 2012, p. 5).

Em outras atividades desenvolvidas na escola, enquanto membro da comissão de seleção do Exame de Admissão, na área de matemática, a professora Zilda costumava elaborar provas, às quais, boa parte dos alunos que prestavam os exames, em 1ª época, eram reprovados. Deste modo, aguardavam as férias e prestavam novamente o exame na 2ª época para serem aprovados. Em outras atas, quando o professor de matemática a compor a banca não era ela, praticamente todos os alunos eram aprovados. Então, a professora seria rígida em demasia? Os outros professores costumavam facilitar? Como eram realizadas as avaliações e o que era considerado por cada um deles? Para uma maior compreensão dessas questões, seria necessário uma análise dessas provas, entretanto não tivemos acesso as mesmas, o que impossibilitou a análise.

Zilda também costuma exercer, função de inspetora, mesmo que não fosse atribuída tal função. Segundo Pedreira (1994), Zilda costuma fiscalizar as torneiras dos banheiros, reclamar alunos que estavam fora das salas, verificar se as matrizes que jogavam no lixo poderiam ser reaproveitadas, etc. Ainda segundo Pedreira (1994), certa vez, que foi diretora por mais de 30 anos, estava a reclamar alguns alunos de uma turma na área da escola, que encontravam-se se aula no momento, então Zilda se aproximou e ajudou no sermão, e ainda ordenou que todos dirigisse a sala de aula, pois ela iria ministrar aulas até o horário da saída. Assim,

Zilda, não foi a apenas a eficiente professora, para quem os 50 minutos de aula nunca foram suficientes. Professores bons e eficientes sempre tivemos e temos, mas alguns não são cenecistas, ou acham que a obrigação acaba na porta da sala de aula. Zilda não, ela sempre defendeu o Colégio, a direção e o Conselho, como uma leoa defende os seus filhotes, isto é, com garra. (1994, p. 122)

E assim, Zilda exerceu sua última atividade em fevereiro de 1970, quando integrou a banca avaliadora dos Exames de 2ª época, em seguida, teve que deixar as suas atividades escolares e foi para a sua cidade natal – Macajuba, BA – para cuidar de sua mãe que estava

adoentada. No início dos anos de 1980 ela retorna e fica na escola até a sua aposentaria em 1992.

5. Algumas considerações...

A historiografia sobre o ensino de matemática na segunda metade do século XX mostra um panorama diversificado acerca do ensino de matemática. A formação dos professores aconteceu através da licenciatura, oferecida pelas Faculdades de Filosofias, e as formações a curso prazo, como a CADES. Os professores do interior país realizaram o curso da CADES, caso da professora Zilda Pedreira. Sendo assim, esta foi a sua formação, autorizada por lei, entretanto, o tornar-se/fazer-se professora de matemática aconteceu a partir das vivências que foram sedimentadas, constituídas e produzidas pelo contexto escolar, social e cultural do período em estudo. Portanto, os livros didáticos e formação pedagógica, os cursos realizados, as trocas com outras professores e as trocas com alunos foram essenciais para que Zilda Pedreira tornar-se professora de matemática.

6. Referências

BARALDI, Ivete Maria. **Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - IGCE, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, J. L. ; LIMA, E. B. . De uma semente mais de mil árvores: elementos do movimento da matemática moderna no Ginásio Mairi (1967 - 1975). In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, Recife. CD ROM - ANAIS, 2011.

FERREIRA, Joubert Lima. O carvalho para a sombra e os frutos do amanhã: a produção de uma nova cultura escolar a partir dos ideais do movimento da matemática moderna no Ginásio Mairi (1967 – 1975). In: I Encontro Nacional de História da Educação Matemática, 2012, Vitória da Conquista, Ba. CD ROM – ANAIS, 2012.

MATTOS, Luiz Alves. **Sumário de didática geral**. 10 ed. Rio de Janeiro, RJ: Gráfica editora aurora, 1971

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

PEDREIRA, Iraci Pacheco. **Lágrimas azuis: memórias**. Feira de Santana, BA: Aliança editora gráfica LTDA, 1994.

RIBEIRO, Elielza Cunha. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira**. Mairi, Ba: 18 janeiro de 2012.

SANTANA, Odília Ferreira de. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira**. Mairi, Ba: 13 fevereiro de 2012

SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945**. São Paulo: EDUC, 2001.